

contra a hiperinflação

José Antônio Rodrigues

SÃO PAULO — Convencidos de que a hiperinflação representa o "maior perigo" para a classe trabalhadora e que poderá destruir todas as estruturas duramente construídas do movimento sindical brasileiro, dirigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT) propõem programas de emergência que possam evitar o mal maior. "Se a hiperinflação acontecer não haverá cachorro para matar a fome dos que vão ser alijados do mercado de trabalho", alerta o presidente do PT, Luiz Gushiken. "Quando há um processo hiperinflacionário ele dura de 10 a 12 meses e depois dele não sobra nada", adverte por sua vez o secretário-geral da CUT, Gilmar Carneiro dos Santos.

É por isso que tanto o braço político, quanto o sindical da organização básica dos trabalhadores hoje estão decididos a abrir espaço para negociações e dispostos a fazer propostas práticas que possam evitar o fenômeno. Há, por parte da CUT, estudos feitos, encomendados ao Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), que concluem que a atual situação do país é crítica. Carneiro dos Santos, por exemplo, entende que a hiperinflação está reprimida na contenção dos preços públicos — insumos, tarifas e serviços. Além disso, ele estima que os preços estão totalmente desorganizados, artificialmente, e propõe algumas medidas para evitar o caos.

Dilema — O principal, sugere Gilmar Carneiro dos Santos, é garantir o abastecimento de produtos básicos, de alimentação à toda população. Por isso a CUT, em reunião da sua executiva ampliada, que inclui dirigentes de todos os estados, decidiu propor uma ampla campanha, que será desencadeada a partir do próximo dia 25, junto a todas as prefeituras e governos estaduais, para que esses poderes públicos garantam o abastecimento. Prefeituras e governos estaduais teriam a incumbência, segundo a proposta da CUT, de organizar estoques de alimentos e elaborar a melhor forma de distribuição dos produtos básicos, via varejões, sacolões, compras comunitárias e outros meios.

Mas não é só com o abastecimento que a central sindical está preocupada. O desalinhamento dos preços públicos representa um dilema a ser encarado de frente. Além disso, a suspensão do pagamento da dívida externa representaria um alívio para as contas públicas, suficiente para incrementar uma política monetária mais branda, com juros mais baixos, e criar instrumentos de recuperação dos investimentos. "O governo não pode deixar o abastecimento somente nas mãos do setor privado", exige Carneiro dos Santos. Ao mesmo tempo, ele teme que qualquer estopim poderá servir para o início de saques, violência e a possibilidade de se generalizar o descontrole social. "A CUT quer evitar o pior, por isso apresenta propostas claras e objetivas", repete ele.

Carneiro dos Santos disse que a CUT irá procurar os empresários, discutir as alternativas que não sejam recessivas. Uma das fórmulas para se garantir o abastecimento é o tabelamento imediato de produtos básicos, ou os gêneros de primeira necessidade. O sindicalista vai além, ao propor que os empresários deixem de estimular o processo hiperinflacionário e sustentem o fornecimento.



Gushiken: clima crítico



Santos: garantir comida

Saques — O estudo do Dieese tem apontado, apesar de ainda não ter sido divulgado, que o pós-hiperinflação não deixa pedra sobre pedra. A estrutura sindical da Bolívia acabou-se, assim como a famosa organização trabalhista argentina desgastou-se enormemente no processo. "É certo que a hiperinflação enfraquece o movimento sindical", reconhece Carneiro dos Santos. Por isso mesmo repete ele, a CUT faz suas propostas, porque, "na hora em que começar o quebra-quebra", que ninguém acuse a central. Se isso ocorrer, por falta de cuidado dos agentes econômicos e do governo, alerta o sindicalista, a CUT não vai fazer o papel de impedir saques, porque não vai se "transformar em agente de segurança das empresas".

PT teme — Para se evitar choques e tensões, o PT apresenta, preliminarmente, duas propostas: a primeira coincide com a da CUT, uma política de abastecimento que garanta os produtos básicos para toda a população. A segunda é o alongamento do perfil da dívida interna, que possibilite ao governo girar sua dívida mais folgadoamente e com uma política de juros mais baixos. A essas duas medidas, o presidente do PT, Luiz Gushiken, acrescenta um fator já ponderado e assumido pelos empresários: a redução do mandato do presidente Sarney.

O PT vê no atual momento político uma estratégia neoliberal em curso, que parte das seguidas críticas ao estado. Para seus analistas, o que se pretende é denegrir a imagem do estado, a tal ponto que se obriga a uma privatização generalizada, com a transferência de bens públicos para o setor privado, a preço de banana. Por tudo isso, tanto o PT quanto a CUT pretendem desencadear uma campanha nacional, com as forças consideradas progressistas, para tentar impedir um processo recessivo.